

Uma reflexão sobre as disciplinas que deveria incluir um programa de estudos da psicanálise segundo Freud

Graziella Baravalle

Em *Die Frage der Laienanalyse* (1926), traduzido como *Análise profana*, Freud ajusta as contas com a medicina e afirma o valor autônomo da psicanálise e sua independência do campo médico. Ele diz que se vê obrigado a declarar que os médicos que não têm a formação para exercer a análise são ainda mais perigosos que os psicanalistas que não são médicos. Não se deveria confundir a formação médica com a formação psicanalítica. No Apêndice de 1927, ele escreve que é fundamental que o psicanalista tenha adquirido a capacitação especial que a psicanálise exige e considera que é tanto o que o psicanalista deveria estudar, que é uma perda de tempo que tenha que passar seis anos de estudos de medicina, e acrescenta que ainda está para ser criado o plano de estudos para ser analista. Sem dúvida, deverá incluir áreas das ciências do espírito, psicologia, história da cultura, bem como de biologia, anatomia, genética... “É um ideal, mas pode e deve ser alcançado”. Hoje, sem dúvida, nós adicionaríamos metapsicologia, linguística, matemáticas e, com certeza, nessa faculdade ideal haveria disciplinas como história da psicanálise e seus principais teóricos, a obra de Freud e de Lacan, clínica psicanalítica, etc. Como diria Freud, não há razão para perder 5 anos num curso de psicologia orientado ao comportamentalismo.

Pierre Bruno, no livro *Une psychanalyse: du rébus au rebut*, (Uma psicanálise: do hieroglífico ao resto) mostra no seu percurso os momentos determinantes em que tanto Freud quanto Lacan se afastaram da psicologia; ele cita também um intelectual damasceno (Fayssal Abdallah), estudioso das escrituras mesopotâmicas, que diz: “Depois da escrita, a psicanálise é a segunda grande invenção da humanidade.” Talvez seja uma apreciação exagerada - não menciona a imprensa – mas os psicanalistas e suas instituições deveriam exigir a consideração conforme a importância desta nova ciência por parte dos mercadores no poder.

É evidente que, como vão as coisas, o resultado na Espanha chegará ao absurdo dos psicanalistas jovens receberem uma formação completamente diferente daquela que Freud sugeria, ele, cuja obra é muito pouco estudada e de maneira não sistemática nas associações e escolas de psicanálise, e naquelas com orientação lacaniana Freud é lido apenas quando há uma citação de Lacan.

Quando Jacques Lacan criou sua escola, a ela podiam ingressar todas as pessoas que quisessem participar, provenientes de diversas disciplinas. Isso enriqueceu extraordinariamente os debates, os cartéis, as publicações, as pesquisas e as relações da psicanálise com as demais disciplinas. E essa atitude de Lacan foi determinante para o prestígio e desenvolvimento da psicanálise na França e no mundo, e para a excelência da obra de seus discípulos. Lacan lutou contra a segregação da psicanálise, abriu as portas da Escola a pesquisadores de diversas ciências. Com essa finalidade ele dialogou, tanto nos seus Escritos quanto nos seus seminários, com linguistas, matemáticos, topologistas, antropólogos, filósofos, e também com médicos e psiquiatras. Mas ele sempre manteve uma distância com a psicologia e com a “psicologização da psicanálise” já que considerava que buscar o real que a psicanálise enfrenta por meio do psicológico “constitui um desvio radical”. E acrescentava de maneira contundente: “É a negação da psicanálise”.

Surpreende, então, que na Espanha (e refiro-me à Espanha) as instituições psicanalíticas que têm algum peso numérico tenham aceitado sem crítica pública alguma a ideia de que os psicanalistas se formem como psicólogos e façam um mestrado em “Psicoterapia psicanalítica”, por temor a que a assistência pública ficasse sem psicanalistas. E é difícil se opor a esta argumentação.

Desta vez, o fantasma que percorre a Europa não é o da revolução, mas o fantasma de Bolonha e suas unidades de valor, com o pressuposto de homogeneizar a formação universitária.

Compartilhei estas ideias com alguns colegas espanhóis que concordam comigo, e também com alguns colegas argentinos, que observam que ali também essa tendência

vai se impondo, paradoxalmente em um país como a Argentina onde as faculdades de psicologia de Rosário, Buenos Aires e Tucumán são praticamente de orientação psicanalítica.

Penso que nesta Convergência nós compartilhamos a posição subversiva de Lacan acerca de que o psicanalista se autoriza por si mesmo (mas que não significa que qualquer pessoa possa declarar-se psicanalista), sabemos que Lacan acrescentou: E por alguns outros. Entre esses outros, nós somos responsáveis pela psicanálise.

Entretanto, até agora, na Espanha a maioria das associações psicanalíticas caiu na cilada dos mestrados para ingressar na federação de psicoterapeutas, da mesma forma como depois da pandemia caímos na miragem das telas.

Contra esta resistência à psicanálise, não foi feita nenhuma tentativa, não digo de oposição, mas de reflexão crítica, salvo algumas conferências propiciadas por UMBRAL-Rede de Assistência “psi” e P&S (Psicanálise e Sociedade) espaço coordenado pela psicanalista Rithée Cevasco, e convidamos Pierre Bruno para falar sobre o tema e assim dar início ao debate.

Na Espanha, com certas exceções, os psicanalistas foram banidos das instituições sanitárias e dos Centros de Saúde Mental, (salvo sob a máscara do título de psicólogo). Nessas instituições predomina a psiquiatria do DSM associada à psicologia comportamentalista.

O bacharelado espanhol é, culturalmente, um deserto e se orienta cada vez mais para a capacitação a fim de submeter os alunos ao trabalho assalariado, e para dirigi-los já existem as escolas e universidades particulares. A filosofia como disciplina na escola secundária é optativa, depende de cada comunidade autônoma, e é a única disciplina que alguns professores ilustrados aproveitavam para dar noções de psicanálise. Somente as faculdades de humanidades, ou de ciências do espírito como as denominava Dilthey, ensinam que existiu alguém chamado Sigmund Freud.

Ora bem, uma parte considerável da sociedade civil, os cidadãos que devem enfrentar o crescente mal-estar e a alienação dos tempos atuais, não querem ser

“usuários” da psiquiatria medicamentosa e da psicologia dos conselhos comportamentais e buscam alívio nos consultórios dos analistas. Por isso, devemos conhecer em que discurso do Outro se firma esta sociedade, para saber quais são seus efeitos na palavra do sujeito. Um exemplo de importância é tudo o que atualmente se refere à estrutura do transgênero e às operações irreversíveis.

De modo algum a ideia seria substituir a formação específica que é oferecida pelas associações psicanalíticas por um ensino universitário. Como Freud afirmou, esta suposta faculdade de psicanálise é um ideal, e na Espanha dificilmente possa ser alcançado neste momento. Trata-se, entretanto, de que estas associações defendessem a autonomia da psicanálise e não a chamassem de “psicoterapia psicanalítica” nos cursos de pós-graduação e, também, que defendessem, como fizeram Freud e Lacan, que não é necessário que o candidato a analista seja médico nem psicólogo. Assim, a presença de analistas provenientes de diversas disciplinas em uma associação, constituiria um coletivo enriquecedor de variados interesses. De outro modo, o empobrecimento cultural nas associações, derivado da exclusiva titulação de psicólogos de seus membros, terá efeitos psicologizantes nas associações, ou seja, será a negação da psicanálise e da possibilidade de subversão que ela constitui.

Gostaria de concluir com uma citação do genial livro de Moustapha Safouan, *La Psychanalyse, Science, Thérapie-et Cause*, tirada das

Conclusões:

“L’avenir de la psychanalyse ne tient qu’à sa capacité de contribuer à l’intelligence de notre époque, et aux métamorphoses de l’Éros, autrement qu’en poussant des cris d’alarme. Car l’analyste ne s’autorise que de lui-même... jusque dans sa propre formation.”

“O futuro da psicanálise depende exclusivamente de sua capacidade para contribuir ao conhecimento da nossa época e das metamorfoses do Eros, em lugar de lançar gritos de alarme. Porque o psicanalista só se autoriza por si mesmo... até na sua própria formação.”